

**A repercussão midiática da rejeição e iconoclastia a uma imagem religiosa: o  
*Cristo Libertador*, de Henrique de Aragão<sup>1</sup>**

Jaime dos Santos Kaster<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo busca descrever um caso emblemático de iconoclastia a uma obra de arte no Norte do Paraná: a escultura *Cristo Libertador*, de Henrique de Aragão, de Ibiporã (PR), esculpida em 1975 para uma igreja, mas que acabou rejeitada e perambulou por vários locais sem ser compreendida. A imagem só encontrou “descanso” ao retornar a Ibiporã em 2012, onde está fixada em um espaço público. Impactante para alguns – por ser um Cristo nu, coberto por uma pomba – foi alvo de ataques, tema de dezenas de reportagens e sofreu inclusive a mutilação da genitália. Além de pesquisa histórica, o texto traz reflexões baseadas nos conceitos de mito e símbolo, de Mircea Eliade, e de imaginário cultural, de Català Domènech. O tema iconoclasmo é trazido à discussão por Hans Belting e endossado por autores que descrevem as tentativas de destruição de imagens simbólicas, como Jean Baudrillard e Alberto Klein.

**Palavras-chave:** Iconoclastia. Imagem. Mídia. Obra de arte. Henrique de Aragão.

**Abstract:** This article seeks to describe a typical case of iconoclasm to a artwork in Northern Paraná: sculpture *Cristo Libertador*, Henrique de Aragão, Ibiporã (PR), sculpted in 1975 for a church, but rejected and wandered for several locations without being understood. The image only found “rest” to return to Ibiporã in 2012, which is set in a public space. Shocking for some - for being a naked Christ, covered by a dove - came under attack, the subject of dozens of articles and even suffered the mutilation of genitalia. In addition to historical research, text brings reflections based on concepts of myth and symbol, of Mircea Eliade, and cultural imagination of Domènech Català. Iconoclasm theme is brought to discussion by Hans Belting and endorsed by authors who describe the attempts of destruction of symbolic images, such as Jean Baudrillard and Alberto Klein.

**Keywords:** Iconoclasm. Image. Media. Artwork. Henrique de Aragão.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 6- Culturas Urbanas, do Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem - ENCOI.

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), aluno especial do Mestrado em Comunicação da UEL e pós-graduado em Marketing e Propaganda, também pela UEL. Jornalista da Prefeitura de Ibiporã (PR), atua na Secretaria Municipal de Cultura, responsável pelo projeto audiovisual de recuperação da memória e história do município. E-mail: [jaimekaster@gmail.com](mailto:jaimekaster@gmail.com)

## Introdução

Pelo simbolismo que carregam e pela força de sua visualidade, determinadas imagens podem ser para alguns objeto de culto e admiração e para outros, motivo de repulsa, rejeição ou mesmo execração. Foi o que aconteceu com a escultura *Cristo Libertador*, obra contemporânea e de traços impactantes, do artista plástico Henrique de Aragão<sup>3</sup>, de Ibiporã (PR), instalada em 1975 na Igreja Matriz de Colorado (PR), cidade de 20 mil habitantes a 83 km de Maringá. Alguns anos após ser fixada, começou a ser criticada pelos fiéis, ao descobrirem que o Cristo estava nu, o que ocorreu no momento que foi retirado do altar pelo padre que sucedeu aquele que o encomendou.

Abandonado no coro da igreja, foi doado em 1987 ao Museu Histórico da Universidade Estadual de Londrina (UEL), mas com a troca da direção do órgão, em 1988, foi novamente rejeitado e “despachado para o *campus* da universidade”, segundo um jornal da época. Perambulou por barracões e ficou períodos em local descoberto, sofrendo a ação do tempo (a escultura é de latão, material que oxida ao ar livre).

Na UEL, algumas de suas partes foram cortadas, como seu órgão genital, que precisou ser restaurado pelo artista na década de 90 para que pudesse enfim ser exposto. Pronto, ficou alguns anos na rotatória do antigo CCH (Centro de Ciências Humanas) até que o diretor do Centro também pediu a sua retirada, sob o argumento de uma instituição laica não deveria expor imagens sacras.

Passou novos anos “exilado” em um depósito da UEL sem cumprir seu papel enquanto obra de arte. Talvez estaria até hoje no local se não fosse a interferência de um professor – Eduardo Alberto da Silva, da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) – que soube do seu paradeiro e o informou a Aragão e ao diretor da Fundação Cultural de Ibiporã, Julio Dutra, que o requisitaram à UEL para que voltasse à cidade de origem. A universidade concordou e o Cristo foi restaurado pela segunda vez

---

<sup>3</sup> Um dos grandes artistas sacros do País, Henrique de Aragão, 83 anos, tem trabalhos espalhados por várias cidades do Brasil e exterior. Nasceu em Campina Grande (PB), em 1931, e veio para o Paraná em 1965, a convite do bispo de Apucarana, Dom Romeu Alberti, para pintar a Catedral daquela cidade. Em 1967 mudou-se para Ibiporã, onde mantém há 47 anos o seu ateliê, e onde tornou sua obra conhecida para o mundo.

(processo que levou dois anos), e agora abre os braços em paz, em um espaço público, não sendo mais alvo de xingamentos, acusações ou “cusparadas”.<sup>4</sup>

As reflexões sobre a polêmica envolvendo a imagem e os contornos que o assunto ganhou na mídia estadual são associadas neste texto ao conceito de iconoclasmo (atitude de buscar destruir ou proibir a exposição de imagens), de Hans Belting. Tema que é estudado também por autores que citam o fenômeno da destruição de imagens simbólicas, como Jean Baudrillard, quando se refere, por exemplo, ao ataque às “Torres Gêmeas”, no 11 de setembro de 2001, evento que, para ele, tornou-se “o ato fundador do novo século, um acontecimento simbólico de imensa importância, porque consagra o império mundial.” (GIRON, 2003).

Para Baudrillard (2003), o atentado ao World Trade Center, inédito sob vários aspectos (espetáculo midiático, pelo fato de ter sido assistido ao vivo no mundo inteiro), tornou as torres “o mais belo edifício mundial” (BAUDRILLARD, 2003 p.17), já que podem não mais existir no plano físico, mas sua imagem ficará eternizada mundialmente num plano subjetivo, devido à escala estratosférica da repercussão.

O texto aborda ainda o incômodo que certos símbolos ou imagens exercem sobre quem os combate: “Para o iconoclasta, de nada adiantaria destruir imagens vazias ou insignificantes”, observa Alberto Klein (2009, p.1). Ou, como afirmou Baudrillard: “A maioria das coisas não valem nem mesmo a pena ser destruídas ou sacrificadas. Somente as obras de prestígio merecem sê-lo, porque é uma honra.” (BAUDRILLARD, 2004, p.39).

O artigo traz ainda reflexões de Mircea Eliade (1996), que decreta que por mais que o mito, o símbolo ou a imagem queiram ser camuflados, mutilados ou degradados [por um grupo social], eles “jamais poderão ser extirpados”, pois “pertencem à substância da vida espiritual.” (ELIADE, 1996, p.7).

### **A trajetória de peregrinação da obra**

A escultura *Cristo Libertador* foi encomendada em 1973 a Henrique de Aragão pelo padre Alberto Martins, da Paróquia Nossa Auxiliadora, de Colorado (PR),

---

<sup>4</sup> “Cusparadas”: referência alegórica às agressões sofridas pelo Cristo histórico, conforme relatam os Evangelhos.

para compor o altar da matriz. Em entrevistas ao autor<sup>5</sup>, o artista diz que trabalhou dois anos na obra e que foi concebida como o sacerdote lhe havia pedido:

Na época em que esse Cristo foi produzido, a Teologia da Libertação era uma realidade muito forte na América Latina. Eu me encontrei com padre Albertinho e com Dom Romeu Alberti [na época bispo de Apucarana] e ele me disse: ‘Eu quero um Cristo Libertador que represente a Igreja pobre da América Latina! Pense em Cristo Libertador, como você o vê, e faça! Aí eu fiz: um Cristo de braços abertos, com as correntes da morte e do pecado na mão, quebradas. Atrás dele, o sol, o símbolo mais perfeito, tanto dele quanto do Pai. E mais para baixo, descendo, esse Espírito Santo que João [Batista] anunciou e que apareceu lá no Jordão<sup>6</sup>. Aí eu aproveitei para cobrir a sua nudez, com o Espírito Santo cobrindo a genitália dele. Fiz o Cristo nu porque a nudez sempre foi um sinal de pobreza ou de pureza. E eu, o bispo, o padre, umas freiras e uns professores da paróquia, nós olhamos para todos os lados, pusemos a iluminação perfeita e todo mundo olhou. Ninguém viu coisa alguma. Tinha ali umas 20 pessoas.’<sup>7</sup> (ARAGÃO, 2013).

A data de instalação da escultura na paróquia é imprecisa, pois o próprio artista, quando entrevistado duas vezes pelo autor, não soube precisar datas, nem tinha documentos que a atestassem. Possuía apenas duas fotos da bênção da obra, que mostram o bispo Dom Romeu Alberti, o pároco Alberto Martins, religiosos e a comunidade em volta do altar (Figura 1).

A referência mais antiga encontrada foi uma reportagem do jornal *Panorama* de 24 de março de 1976, segundo o qual a obra fora inaugurada em outubro de 1975. O *Panorama*<sup>8</sup> foi uma experiência curta da imprensa londrinense e buscou ser um veículo alternativo, abordando temas não tradicionais, como seria este Cristo (numa época de conservadorismo eclesial, o artista idealizar um Cristo nu e pobre, inspirado numa teologia que enfrentava resistência até dentro da Igreja, era algo incomum).

---

<sup>5</sup> As entrevistas foram gravadas em vídeo. No processo de transcrição e apresentação dos depoimentos no artigo, devido às pausas do entrevistado em razão da idade avançada, e à sua divagação ao rememorar os fatos, adotou-se o método sugerido por Meihy (2002), nos estudos de história oral, de não reproduzir a transcrição “palavra por palavra”. Segundo ele, “o que deve vir a público é um texto trabalhado no qual a interferência do autor seja clara e dirigida para a melhoria do texto.” (MEIHY, 2002, p. 171).

<sup>6</sup> Referência ao trecho do Evangelho de Mateus cap. 3, v. 11-16

<sup>7</sup> ARAGÃO, Joaquim Henrique de. Entrevista em vídeo concedida a Jaime dos Santos Kaster, no dia 18/03/2013, na Fundação Cultural de Ibiporã, para a produção de um documentário sobre a obra.

<sup>8</sup> O jornal *Panorama* foi fundado em 1975 por uma equipe de jornalistas que tinha o experiente Mylton Severiano (ex-Jornal da Tarde (SP) e revista *Realidade*) e os londrinenses Nelson Capucho, Domingos Pellegrini, Nilson Monteiro, Jota, Elvira Alegre e Marcelo Oikawa.

**Figura 1:** Dom Romeu Alberti abençoando a imagem e padre Alberto a seu lado (1975)



**Fotografia:** Autor desconhecido. **Fonte:** Acervo pessoal de Henrique de Aragão.

Sobre a inauguração, uma reportagem da *Folha de Londrina* de 4 de fevereiro de 2010, com o título “Moradores querem o Cristo nu de volta”, lembrava que “na introdução da estátua na igreja até uma equipe de reportagem da Rede Globo se deslocou do Rio de Janeiro para acompanhar a grande peregrinação de curiosos querendo ver a obra.” (LEMES, 2010-a).

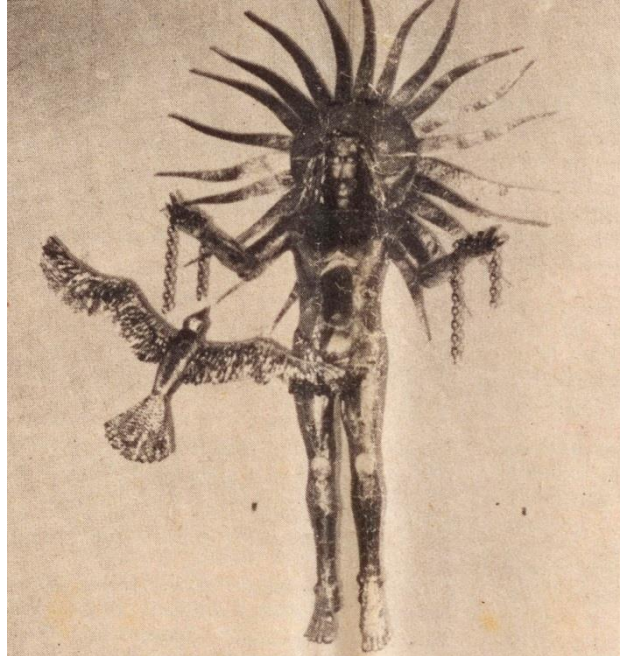
A matéria de 1976 do *Panorama* destacava o porte da obra para a época: “Possivelmente a maior peça artística do Paraná (Figura 2). Toda em metal dourado, medindo 7 metros e pesando 380 quilos, é a imagem do *Cristo Libertador*, feita pelo artista Henrique de Aragão, atualmente na Europa”. O texto relatava um Cristo ressuscitado e não mencionava haver resistência da comunidade à estética do artista. Fato que confirmaria a versão de Aragão de que no dia da instalação da imagem na igreja várias pessoas olharam para o alto e ninguém se chocou: “Então, quem viu ‘alguma coisa’ foi a maldade de algumas pessoas que não tinham a pureza no coração”, defende-se ele. (ARAGÃO, 2013).

O artista garante que enquanto o Cristo esteve “lá em cima”, no altar de Colorado, “nunca ninguém falou nada” (além da pomba, havia folhas por baixo da genitália). Porém, certa época começou, segundo ele, “um zunzun na paróquia de que o Cristo estava pelado”:

Na verdade ele nunca ficou nu enquanto esteve exposto. Só ficou nu quando um outro padre lá de Colorado tirou ele do altar e o pôs no coro da igreja,

deitado, com a genitália pra cima e sem a pomba, que foi jogada num canto. Daí as pessoas olhavam e viam o Cristo daquele jeito. Mas eu não fiz para chocar, sobretudo porque eu amo Jesus Cristo! (ARAGÃO, 2013).

**Figura 2:** O Cristo no altar da Igreja de Colorado



**Fotografia:** Autor desconhecido (publicada no jornal *Panorama*). **Fonte:** Jornal *Panorama*, 24/03/1976 – Reprodução.

Em entrevista a Apolo Theodoro (*Folha de Londrina de 21 de março de 1997*), Padre Alberto Martins, que encomendou a imagem, admite que o objetivo era mesmo “provocar” – uma mudança de mentalidade. Disse ele:

O Cristo Libertador queria marcar um momento forte de uma teologia nova, marco de referência de uma religião que se comprometia com a libertação do povo. Por isso, a imagem (Figura 3) tinha mesmo o objetivo de provocar, questionar toda uma cultura, mas as pessoas mais conservadoras, com uma concepção religiosa mais de aparência, moralistas, tinham dificuldade de entender essa obra de arte. (THEODORO, 1997).



**Figura 3:** Os traços rústicos de um Cristo pobre, esculpido em material bruto, o latão.



**Fotografia:** Julio César Dutra. **Fonte:** Acervo da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Ibiporã.

### A rejeição na paróquia

Muitas pessoas tinham realmente dificuldade de interpretar a estética do artista, cujos traços rústicos se distanciam de imagens tradicionais em gesso encontradas nas igrejas. Ainda mais em uma cidade pequena e em 1975.

“Aquela imagem era muito espantosa”, disse o morador Raimundo Laerte Carnelossi. “Ouvi dizer que é uma obra de arte, o que me deixa dividido”, afirmou, em entrevista à *Folha de Londrina* de 4 de fevereiro de 2010 (LEMES, 2010-b). “Eu não gostava daquela estátua. Achava uma coisa estranha. Se for para deixar de lembrança, que ela volte para Colorado, mas não na igreja. Que seja lá na Casa de Cultura”, reforçou dona Maria do Carmo de Vechi, 84 anos. Na época, o jornal foi à cidade ouvir os moradores se aceitariam o Cristo de volta, pois estava há anos abandonado na UEL.

Outros moradores relataram que gostavam da estátua. Para José Romildo Bagateli, o Cristo “nunca deveria ter saído da cidade”. “Se não deveria ficar na matriz, poderia se tornar um ponto turístico”, sugeriu. A vereadora Elizair Consalter de Melo, que iniciou um movimento para recuperar a obra, afirmou que desde sua infância “achava a estátua linda”. Já o vereador Valdomiro Zanardi era adolescente em 1975 e lembra que só viam o órgão genital os que entravam embaixo dela: “Para ver alguma coisa, as pessoas precisavam entrar embaixo e quem fazia isso já estava mal-intencionado.” (LEMES, 2010-c).

O fato é que a nudez incomodou algumas pessoas na paróquia e a imagem foi recolhida ao coro da igreja, onde ficou coberta vários anos. O ato de se cobrir ou esconder imagens tende a potencializar a curiosidade, fazendo-as ganhar força no imaginário coletivo. Alberto Klein (2009), ao se referir à estátua de Saddam Hussein, com o rosto coberto por uma bandeira norte-americana, após a ocupação do Iraque, em 2003, afirma que “cobrir imagens com outras [no caso a bandeira] evidencia o desejo de extirpar ídolos da imaginação pública.” (2009, p.8).

É uma tentativa em vão, afirma Mircea Eliade (1996). Ao se referir à sobrevivência dos grandes mitos durante o século XIX, marcado pelo racionalismo e pelo “cientismo na filosofia”, o autor diz que “o símbolo, o mito, a imagem pertencem à substância da vida espiritual, que podemos camuflá-los, mutilá-los, degradá-los, mas que jamais poderemos extirpá-los.” (ELIADE, 1996, p.7). Ele exemplifica que a Segunda Guerra Mundial “mostrou suficientemente que a extirpação dos mitos e símbolos é ilusória” (1996, p.15), pois mesmo nas piores batalhas os soldados inconscientemente recorriam a eles como forma de lembrarem de suas raízes.

Ao mesmo tempo que não podem ser extintas, as imagens simbólicas, quando atacadas, tendem a ganhar força. “Assim como as torres gêmeas [de Nova York] ficaram ainda mais lindas depois da sua queda, para lembrar Baudrillard, é possível que a estátua de Saddam tenha ficado mais imponente depois da operação iconoclasta.” (KLEIN, 2009, p.8).

### **Renegado no Museu e mutilado na UEL**

Ao saber que a escultura do Cristo estava abandonada em Colorado, a museóloga e então diretora do Museu Padre Carlos Weiss, Zuleika Scalassara, requisitou-a em 1987 e ela veio então para Londrina. Porém, o diretor seguinte do museu, Olympio Westphalen, que reassumiu em 1988, “não gostou de ver aquele enorme escultura ocupando quase todo o espaço de uma das salas (...) e então se livrou do *Cristo Libertador*, enviando-o ao Departamento de Patrimônio da UEL, no *campus*” (THEODORO, 1997).



A passagem do Cristo pela Universidade foi mais degradante do que na paróquia e no museu histórico. Como não chegou ao *campus* recomendado como obra de arte, acabou “tratado como uma sucata qualquer que não merecesse qualquer cuidado, um desmazelo que passou por dois reitores”, denunciou Theodoro (1997) na ocasião. O pior é que continuou incompreendido e teve inclusive algumas de suas partes arrancadas, o que entristeceu o artista:

Quando foi doado à UEL pela paróquia ele estava inteiro. Na UEL é que alguém mutilou, porque quando eu fui restaurar essa imagem para a Universidade [entre 1997 e 1998] vi que tinham arrancado literalmente a genitália dele. Daí eu tive que fazer essa segunda de metal. Eu tenho dó das pessoas que fizeram isso, que detrataram-no, não porque serão castigadas, mas por causa da mediocridade da cabeça delas. E teve também alguns jornalistas, mais de um [que teriam difamado o Cristo, pondo “mais lenha” na discussão, segundo Aragão]. Então, a sujeira maior foi de algumas cabeças da Universidade. Penso que tudo isso deveria servir para uma reflexão ou para pensarem: ‘Escuta, por que o artista quis fazer isso assim? Qual a ideia que ele tem de pobreza e de pureza?’ (ARAGÃO, 2014) <sup>9</sup>

Ao saber do paradeiro da imagem e da mutilação, Theodoro (1997), em crônica que ocupou página inteira da *Folha de Londrina* (Figura 4), escancarou a polêmica, dando contornos midiáticos a um fato até então restrito a poucas pessoas.

**Figura 4:** Crônica que relata a ‘*via crucis*’ da obra e mostra a escultura (à dir.) com o pênis mutilado, na UEL.



Fonte: Folha de Londrina de 21/03/1997.

<sup>9</sup> ARAGÃO, Joaquim Henrique de. Entrevista em vídeo concedida ao autor na casa do artista, em Ibitiporã, no dia 11/04/2014.

A matéria é demolidora: “Caparam a imagem do Cristo lá na Universidade! Foi assim que a notícia chegou à Redação...” A irreverente reportagem denunciava que o pênis do Cristo havia sido retirado e que também outras partes, como a pomba e o sol haviam sumido – versão confirmada pelo artista. A linguagem debochada segue quando o cronista diz que após a imagem ter sido inaugurada na igreja, “a alegria era quase geral”. ‘Quase’, porque, “escondidos entre as colunas do Templo, alguns fariseus, tal qual os de Jerusalém com o verdadeiro Cristo, começaram a tramar contra a ‘escandalosa’ e máscula imagem do *Cristo Libertador*” (THEODORO, 1997).

Segundo declarou na ocasião o prefeito do *campus*, Luis Navolar, “a escultura estava jogada aí pelo *campus* há muitos anos [desde 1988], no ‘tempo’, desde administrações anteriores, e a encontramos já mutilada.” (THEODORO, 1997). Navolar ressaltou, porém, que o reitor da época, Jackson Testa, e a vice-reitora Nitis Jacon “ao se inteirarem da existência de tal obra e do ‘crime’ praticado contra ela, decidiram recuperá-la.” (THEODORO, 1997). A crônica exhibe uma cronologia da rejeição à imagem por onde passou e a compara às 14 estações da via sacra de Jesus a caminho do Calvário.

Para Aragão, o ato iconoclasta não era à imagem e sim a Jesus Cristo:

Nunca ele foi feito para ficar ridicularizado assim. É que as pessoas, no coração delas, não aceitaram Jesus Cristo. É uma coisa comum também. Ninguém é obrigado a aceitar. Você só ama o outro se quer. E não era para amar a imagem. Mas a revolta das pessoas era contra o Cristo, não era contra a minha imagem. Olha, eu chorei antes de restaurar esse Cristo quando veio da Universidade. (ARAGÃO, 2014).

Se os iconoclastas queriam de fato atingir Cristo agredindo sua imagem, como sugere Aragão, trata-se de ação inócua, segundo Hans Belting (2006), pois ao destruir imagens físicas, eles conseguem somente destruir os suportes midiáticos das imagens indesejadas. Elas continuam vivas, afinal não se consegue extinguir as imagens mentais.

“A ligação entre imagens físicas e imagens mentais para as quais as traduzimos pode explicar o zelo inerente a todo iconoclasmo em destruir imagens físicas. Os iconoclastas, na verdade, queriam eliminar as imagens da imaginação coletiva, porém conseguiriam somente destruir seus suportes midiáticos. O que as pessoas não pudessem mais ver, iria, como era esperado, deixar de viver em sua imaginação.” (BELTING, 2006, p.42)

Não fosse o seu entristecimento com as agressões à figura de Cristo, o fato de ter a sua obra de arte perseguida poderia ser para Aragão motivo de honra. Pois nesse caso o poder da imagem é reiterado, segundo Klein (2009). “Seja qual for a atitude tomada, de fascinação ou repulsão, seja o gesto idólatra ou iconoclasta, em ambos os casos é o poder das imagens que é reiterado. Pois, para o iconoclasta, de nada adiantaria destruir imagens vazias ou insignificantes”, (KLEIN, 2009, p.1).

Baudrillard (2004), ao mencionar as torres gêmeas, diz que foram outro exemplo de “obra de prestígio”, por isso visadas pela ação iconoclasta:

Esses monstros arquitetônicos sempre exerceram uma fascinação ambígua, um sentimento contraditório de atração e repulsa e, pois, em algum lugar, um desejo de vê-los desaparecer (2004, p.35).

Quanto à questão de saber o que será preciso reconstruir no lugar das torres, ela é insolúvel. Simplesmente porque não se pode imaginar nada de equivalente que valha a pena ser destruído – que seja digno de ser destruído. As Twin Towers valiam a pena ser destruídas; não se pode dizer o mesmo de muitas outras obras de arquitetura. A maioria das coisas não valem nem mesmo a pena ser destruídas ou sacrificadas. Somente as obras de prestígio merecem sê-lo, porque é uma honra.” (BAUDRILLARD, 2004, p.38-39).

### **Vetado por ser imagem sacra**

Com a repercussão midiática das mutilações à escultura, a Reitoria da UEL tratou de agilizar sua restauração em 1997. Por fim, após dez anos no ostracismo (havia chegado à UEL em 1988), o Cristo foi enfim instalado na rotatória do antigo Centro de Ciências Humanas (CCH) (Figura 5), no dia 17 de março de 1998. Porém, só ficou ali até 2006. A diretoria do Centro na época determinou que a escultura fosse retirada do local, sob o argumento de que uma instituição laica não deveria expor imagens sacras – informação da assessoria de imprensa da UEL publicada no Jornal de Londrina de 27/11/2008. (ARAÚJO, 2008). Resultado: novas reportagens e reforço da polêmica.

Aragão (2013) considerou absurda a exclusão do espaço acadêmico. “É uma obra de arte. Não compreendo como uma universidade diz uma coisa dessas. Para mim, isso é uma nulidade”, criticou. A resistência por ser imagem sacra confere valor à

imagem. “O próprio iconoclasta muitas vezes não consegue se desvencilhar da hipnose da imagem. A medida da violência desferida contra a imagem é ironicamente proporcional ao reconhecimento da medida do poder que ela exerce.” (KLEIN, 2009, p.4).

Català Domènech (2011), ao discorrer sobre imagens simbólicas, míticas e religiosas, diz que as imagens religiosas são formadas por elementos visuais fortemente codificados por tradições, elementos que representam ao mesmo tempo características do universo religioso e emoções humanas, e elas “carregam, como as imagens alquímicas, um ‘componente mágico’, pois a crença popular considera que elas têm poder de atuação sobre o mundo material.” (CATALÀ, 2011, p.254).

Com o veto da diretoria do Centro, o destino do Cristo acabou sendo novamente a reclusão em um depósito da universidade (Figura 6), onde ficou até maio de 2012, quando foi requisitado à UEL pelo artista e pela Fundação Cultural de Ibiporã. A UEL então transferiu-o em definitivo, ele foi restaurado e está exposto no complexo da Secretaria Municipal de Educação de Ibiporã.

**Figuras 5 e 6:** O Cristo na rotatória do CCH (década de 90) e esquecido na UEL, em 2010.



**Fonte:** Folha de Londrina de 04/02/2010 – Reprodução.

## Intolerância à nudez e a noção de imaginário cultural

A nudez, peça chave que desencadeia a polêmica sobre a obra, é um traço da obra de Aragão, que representa muitos de seus personagens nus. Caso do “Desbravador”, que ficou conhecido como ‘Peladão’, de Maringá, instalado na década de 80, mas que causa impacto até hoje, conforme reportagens da *Gazeta Maringá* (AYRES, 2011 e 2013). Também a escultura “O Gaiato”, de Ibiporã, de outros cristos nus expostos no ateliê do artista. Por esse motivo, de tempos em tempos, sua obra é alvo de polêmica na mídia (Figura 7), tema que foi citado por Isabelle Catucci da Silva, em uma dissertação de Mestrado em Antropologia na UFPR, na qual estudou as esculturas públicas do artista (SILVA, 2012).

Das 29 reportagens pesquisadas sobre o *Cristo Libertador*, em várias delas se diz que a obra foi rejeitada onde passou por ser considerada “imoral”, mesmo em ambientes não religiosos. Alguns textos são informativos e exaltam traços da obra de Aragão. Porém, a grande maioria (24) retrata a polêmica envolvendo a imagem.

A censura àquilo que um grupo social considera “imoral” resulta de uma série de convenções que formam o que Català (2011) chama de *imaginário*. “Existe uma série de padrões preconcebidos que delimitam, filtram e adjetivam o que vemos. [...] Esses padrões formam o nosso imaginário.” (CATALÀ, 2011, p. 252). E quando se refere a *imaginário cultural*, o autor é taxativo: “Cada sociedade dita o que se pode ver, mas também como se pode ver.” (2011, p.253).



**Figura 7:** Repercussão midiática de algumas imagens polêmicas de Aragão.



**Figura 28 -** Reproduções de reportagens polêmicas de arte sacra

**Fonte:** SILVA, 2012, p. 153.

Seguindo essa premissa, o Cristo nu de Aragão teria sido um choque a esses padrões preconcebidos de imaginário dos fiéis da igreja de Colorado (que imagem de Cristo eles já têm formada?). Também teria causado oposição na UEL, motivo pelo qual sofreu mutilação e ficou tanto tempo recolhido e fora de um ambiente de visualidade. Já a sua remoção da frente do prédio CCH foi por não passar pelo filtro, segundo o qual “cada sociedade dita o que se pode ver”.

### **Considerações finais**

Fazendo uma síntese do processo de rejeição sofrido pela imagem, os vetos e ataques à obra de Henrique Aragão, à medida que eram noticiados, resultavam no que Klein (2009) chama de amplificação da imagem violentada: “A memória não será apenas do gesto, mas também da imagem violentada.” (2009, p.12). Por esse motivo é que atraem o interesse público e causam comoção popular atos iconoclastas contra imagens.



Casos famosos como o da “santa” chutada em transmissão ao vivo pela TV por um pastor de uma igreja pentecostal ou o mais recente (ocorrido dia 3 de junho) de uma estátua de gesso de Nossa Senhora que foi urinada e queimada na rua na cidade de Carrapateira, na região de Cajazeiras (PB), crime atribuído a um grupo de fanáticos incentivados por Luiz Lourenço, conhecido na localidade como ‘Pastor Poroca’. (EVANGÉLICOS..., 2014). A notícia teve multiplicação viral na internet, tendo recebido 5.624 comentários num período de apenas 30 dias, sem contar as visualizações da página.

“Além do incremento simbólico das imagens destruídas, há que se levar em consideração a circunscrição midiática da maioria dos gestos dessa natureza”, acrescenta Klein (2009, p.8).

Sobre a nudez do Cristo, apesar de ser algo natural numa representação do corpo humano, ela chocou muitas pessoas (Figura 8). Na UEL, a solução encontrada pelos funcionários para expor a imagem foi a colocação de uma chapa de metal cobrindo o pênis. Este ano, em Ibiporã, onde a escultura está em definitivo, por ser um espaço frequentado por professores e alunos de ensino primário, foi também colocada, pelo artista, uma pequena placa envolvendo o órgão (Figura 9). Parece ter sido a única forma de se deixar o Cristo em paz.

Mesmo sendo uma alternativa, é algo que provavelmente tenha desagradado Aragão, para quem a nudez é uma expressão pura do belo:

A arte sempre se serviu da nudez e desde o início, a imagem da maioria dos deuses conhecidos, desde a Pré-História até hoje, foram imagens de nus. O corpo é puro, é limpo, é justiça, é beleza, é harmonia, é graça. Por isso a nudez de Cristo nessa imagem não tem nenhuma ofensa, é a mesma nudez de Cristo quando nasceu. Saiu do ventre sua da mãe nu. E Ele é puro, sempre foi puro. A nudez é a limpeza completa do nosso ser, é a entrega nossa a Deus daquilo que nós somos, da pobreza que somos.<sup>10</sup> (ARAGÃO, 2014).

---

<sup>10</sup> ARAGÃO, Joaquim Henrique de. Depoimento no evento de entrega da obra, no Auditório Pioneiros, em Ibiporã, dia 25 de abril de 2014. Gravado em vídeo.

**Figuras 8, 9 e 10:** O Cristo sendo restaurado, sem a pomba, e depois coberto e fixado na Secretaria de Educação, em Ibiporã.



**Fotografias:** Jaime dos Santos Kaster. **Fonte:** Acervo da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Ibiporã.

## Referências

ARAÚJO, Fernando, Cristo na UEL ainda aguarda restauração. **Jornal de Londrina**. Londrina, 27 nov. 2008. Caderno JL-Cultura.

AYRES, Marcus. Para cada cidade, um monumento curioso. **Gazeta Maringá**. Maringá. 24 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. Monumentos guardam histórias curiosas: um peladão na praça. **Gazeta Maringá**. Maringá. 10 mai. 2013.

BELTING, Hans. Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à iconologia. Trad. de Juliano Cappi. **Ghrebh** - Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia, n.8, 2006. Disponível em: <[www.cisc.org.br](http://www.cisc.org.br)>. Acesso em: 2 jul. 2014.

BAUDRILLARD, Jean; MORIN, Edgar. **A violência do mundo**. Trad. de Leneide Duarte-Plon. Rio de Janeiro, Anima Editora, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. **Power inferno**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

BÍBLIA Sagrada. Edição da Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1981.

CATALÀ DOMÈNECH, Josep M. **A forma do real**: introdução aos estudos visuais. Trad. de Lizandra Magon de Almeida. São Paulo: Summus, 2011.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. Trad. de Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EVANGÉLICOS mijam e queimam imagem de Nossa Senhora na região de Cajazeiras. Portal Araçagi, 3 jun. 2014. Araçagi (PB), 2014. Disponível em: <<http://www.portalaracagi.com/2014/06/evangelicos-mijam-em-cima-de-nossa.html>> Acesso em: 8 jul. 2014.

GIRON, Luís Antônio. A verdade oblíqua: entrevista com o autor da Trilogia “Matriz”. **Revista Época**, 7 jun. 2003. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2003.

KLEIN, Alberto. Destruindo imagens: configurações midiáticas do iconoclasmo. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v.12, n.2, maio/ago. 2009, p. 1-12. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/408/341>>. Acesso em: 19 mai. 2014

LEMES, Francismar. Moradores querem o Cristo nu de volta. **Folha de Londrina**. Londrina, 04 fev. 2010. Caderno Folha 2.

\_\_\_\_\_. A discussão ainda vai longe. **Folha de Londrina**. Londrina, 04 fev. 2010. Caderno Folha 2.

\_\_\_\_\_. Só viu quem quis ver. **Folha de Londrina**. Londrina, 04 fev. 2010. Caderno Folha 2.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SILVA, Isabelle Catucci da. **Arte pública em Iporã**: reflexões sobre cultura em uma cidade no interior do Paraná. 2012. 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

THEODORO, Apolo. JC: abandonado e sem o... **Folha de Londrina**. Londrina, 21 mar. 1997, Caderno Cidades, p. 3.

### **Pesquisa documental**

ARAGÃO, Joaquim Henrique de. Entrevista concedida a Jaime S. Kaster, na Fundação Cultural de Iporã. Iporã: 18 mar. 2013. (53min18s) gravação em vídeo.

ARAGÃO, Joaquim Henrique de. Entrevista concedida na casa do artista, em Iporã, a Jaime S. Kaster. Iporã: 11 abr. 2014. (37min58s) gravação em vídeo.

ARAGÃO, Joaquim Henrique de. Depoimento do artista no evento de entrega da obra, no Auditório Pioneiros. Ibiporã: 25 abr. 2014. (39min16s) gravação em vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y5s-iMk7870>>. Acesso em 31 mai. 2014.